

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

19



Ἰσοπέδιον ἄνθρωπος ἰσοπέδιον ἄνθρωπος ἰσοπέδιον ἄνθρωπος
ἰσοπέδιον ἄνθρωπος ἰσοπέδιον ἄνθρωπος ἰσοπέδιον ἄνθρωπος
MHNIN AEIDE ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

Na segunda parte, encontramos os restantes três capítulos que concluem este estudo: «La Société Égyptienne et ses Activités Professionnelles: Entre Regard Grec et Réalités Égyptiennes», «La Famille et la Place des Femmes» e «Approches de la Vie Quotidienne et des Croyances Égyptiennes». Destacam-se pela abordagem centrada nas questões sociais e religiosas da sociedade egípcia que intrigou e, ao mesmo tempo, fascinou Heródoto com a sua sabedoria e cultura ancestral, visto que os seus costumes se coadjuvavam com a natureza invulgar do Nilo.

A grande mais-valia desta obra de Typhane Haziza assenta na inclusão do património cultural helénico como forma de abrir novas linhas de investigação, ainda que sempre confrontadas com fontes egípcias. Infelizmente, as ideias políticas associadas aos reinados não mereceram grande reparo por parte da Autora, o que poderia ter dado outra dimensão a este estudo e ao próprio *logos*. Resta-nos apenas acrescentar que o estudo é complementado com anexos, que apresentam tabelas cronológicas e listas de reinados, a par de mapas e índices para uma melhor consulta.

Nídia Catorze Santos

ROBERT B. STRASSLER, *The Landmark Herodotus: The Histories*, New York: Pantheon Books, 2007, 953 pp., ISBN 0375421092.

A necessidade de oferecer ao meio académico e também ao grande público boas traduções, que transmitam ao leitor a subtileza da linguagem utilizada e ao mesmo tempo mantenham a fidelidade ao texto, tem sido uma exigência constante e também uma necessidade premente, uma vez que o domínio do grego é cada vez mais apanágio de um grupo restrito de especialistas. Desde as primeiras traduções, em língua inglesa, como as de Henry Cary (1849), George Rawlinson (1858-1860), Macaulay (1890), Godley (1920), Enoch Powell (1949), De Sélincourt (1954), Grene (1989) e Waterfield (1998), que o principal desafio tem sido apresentar a obra do «Pai da História» a sucessivas gerações de leitores.

Fruto de uma década de trabalho, *The Landmark Herodotus* apresenta-se como a tradução que introduz Heródoto a um novo milénio. A obra inicia-se com uma extensa introdução, ao autor e à sua época, sem esquecer o contexto histórico, fiabilidade do texto ou a tradição oral e

narrativa histórica que lhe deram origem, da autoria de Rosalind Thomas, e com uma tabela cronológica que enquadra todas as datas citadas ao longo do texto, com o registo dos acontecimentos. A tradução, que ficou a cargo de Andrea L. Purvis, é acompanhada por mapas da região mencionada no texto e pelas respectivas datas, sempre que conhecidas. As notas ao texto, ao contrário do que acontece nas edições da Penguin e da Oxford, recuperam o formato utilizado pela Loeb e são apresentadas em rodapé, o que permite leitura ininterrupta do texto.

Profusamente ilustrada com mapas (127 no total) e fotografias de alguns locais históricos na actualidade e obras de arte, apresenta ainda uma bibliografia selecta e indicies remissivos extensos que possibilitam a rápida localização de um episódio ou personagem no texto ou fontes antigas, além de um glossário. A edição, que reproduz o modelo iniciado em *The Landmark Thucydides: A Comprehensive Guide to the Peloponesian War*, publicado em 1996, é acompanhada por vinte e um apêndices, mais dez que esta última. Esses «appendices» são escritos por especialistas de topo nas respectivas áreas de estudo, e em que se incluem nomes como os de Paul Cartledge («The Spartan State in War and Peace»), Alan B. Lloyd («The Account of Egypt: Herodotus Right and Wrong»), James Romm («Herodotean Geography»), George L. Gawkwell («The Ionian Revolt»), Gregory Crane («Classical Greek Religious Festivals»), Donald Lateiner («Oracles, Religion, and Politics in Herodotus») e Carolyn Dewald («Tyranny in Herodotus» e «Women and Mariage in Herodotus»).

Muitos leitores irão, certamente surpreendidos pela escolha dos temas tratados, notar a ausência de uma análise dedicada às batalhas que imortalizaram as Guerras Medo-Persas, apesar de serem abordados temas abrangentes como os tratados por Christopher Tuplin («Herodotus on Pérsia and the Persian Empire»), J. W. I. Lee («Hoplite Warfare in Herodotus» e «The Persian Empire»), Michael A. Flower («The Size of Xerxes Expeditionary Force») ou Nicolle Hirschfeld («Trireme Warfare»). Esta escolha revela-se acertada, na nossa opinião, uma vez que assinala uma mudança de paradigma na nossa maneira de olhar e estudar Heródoto. Apesar de o tema central e unificador das «Histórias» ser, de facto, o confronto épico entre Gregos e Persas, o seu autor é muito mais que um simples cronista de guerra. Os temas em análise permitem ao leitor moderno acompanhar e compreender os aspectos antropológicos, etnográficos, geográficos e culturais que tanto fascinaram Heródoto e as audiências que o leram desde a sua publicação.

Em suma, *The Landmark Herodotus* apresenta-se como uma bem sucedida fusão do texto com o respectivo comentário num só volume. Curiosamente, este formato retira-lhe muita da capacidade que Heródoto demonstrou ter para viajar.

Nídia Catorze Santos

ROSARIA MUNSON, *Black Doves Speak: Herodotus and the Languages of Barbarians*, Washington DC: Center for Hellenic Studies, 2005, 121 pp., ISBN 0674017900.

Neste breve e interessante estudo, Rosaria Munson aborda o papel da língua e da linguagem na obra herodotiana. Se o autor é o primeiro a abordar a dicotomia entre Gregos e não-Gregos e a relatar o confronto que opôs o mundo helénico ao Império Persa, a sua concepção das diferenças linguísticas leva-o a considerar que estas, longe de continuarem a aumentar o fosso que parece separar os povos, aproximam-nos. Como nos irá mostrar, a língua não é um obstáculo intransponível, apesar de ser, a par do sangue, o elemento utilizado por Heródoto para definir a comunidade dos Helenos (8. 144), todavia consciente das diferenças nos dialectos gregos (4. 78; 8. 135).

Esta consciência apurada, desenvolvida, certamente, durante as suas viagens e através do contacto com as diferentes culturas aquando das suas investigações, levou-o, ao contrário da visão grega, que considerava todas as línguas que não o grego como sons incompreensíveis, a defender que todas elas são válidas e passíveis de tradução. Como sublinha a Autora, a língua não faz qualquer diferença, e traduzi-la ou explicá-la não se afigura problemático ou difícil, apenas implica uma correcta utilização do vocabulário disponível para descrever as realidades de um mundo diferente. Claro que ao abordar esta temática, o historiador não deixou escapar a possibilidade de instruir a sua audiência sobre o mundo que os rodeava e das suas características peculiares.

Na introdução, Munson formula a interrogação a que tentará responder nos capítulos seguintes: «does the role Herodotus attributes to language reinforce or undermine the authoritative greek-barbarian antithesis of contemporary thought?».

O primeiro capítulo, «Greek Speakers», analisa a imagem que Heródoto nos apresenta dos Gregos e não-Gregos e deita por terra a